



RÚSSIA

A luta continua

Viúva de Alexei Navalny promete dar prosseguimento à batalha contra o governo de Vladimir Putin e afirma que presidente russo matou seu marido. Família não tem acesso ao corpo do líder opositorista e acusa Kremlin de tentar ocultar evidências de crime

Em um vídeo publicado em redes sociais, Yulia Navalnaya, viúva de Alexei Navalny, acusou ontem o presidente russo, Vladimir Putin, de matar o líder opositorista e prometeu que assumirá a luta pela "liberdade" do seu país. "Vou continuar o trabalho de Alexei Navalny. Vou continuar pelo nosso país, com vocês. Peço a todos que estejam ao meu lado (...). Não é uma vergonha fazer pouco, é uma vergonha não fazer nada, é uma vergonha se permitir ter medo", declarou.

Principal adversário do chefe do Kremlin, Navalny morreu na última sexta-feira, aos 47 anos, em uma prisão do Ártico, no distrito autônomo de Yamalia-Nenetsia, localizado na região de Yamal, onde cumpria uma pena de 19 anos. "Há três dias, Vladimir Putin matou o meu marido. Putin matou o pai dos meus filhos", denunciou, acrescentando: "Com ele, queria matar o nosso espírito, a nossa liberdade, o nosso futuro".

Navalnaya pediu unidade "para atingir Putin, os seus amigos, os bandidos com dragonas, os cortesãos e os assassinos que querem paralisar" a Rússia. Ela afirmou que vai descobrir "quem cometeu o crime" e em quais circunstâncias.

Após a divulgação do vídeo, a viúva do líder opositor se reuniu com o chefe da diplomacia da União Europeia (UE), Josep Borrell. "Como Yulia disse, Putin não é a Rússia, e a Rússia não é Putin", publicou o diplomata na rede social X (ex-Twitter), após encontro, em Bruxelas, que contou com a participação dos ministros das Relações Exteriores da UE.

"Exame pericial"

Desde a sexta-feira passada, quando a morte de Navalny foi anunciada, familiares tentam ter acesso ao corpo do líder opositor, sem sucesso. Diante da situação, acusam o Kremlin de ocultar eventuais evidências de assassinato. A equipe de colaboradores de Navalny informou ontem que os investigadores realizarão um "exame pericial" no cadáver durante, pelo menos, duas semanas. "Os investigadores disseram aos



Em Moscou, grupo deposita flores em monumento que se tornou local de tributo à memória de Navalny: prisões no fim de semana

advogados e à mãe de Alexei que não vão entregar o corpo e que nos próximos 14 dias farão uma análise química", declarou a porta-voz da oposição, Kira Yarmish, pelo YouTube. "Vou dizer uma vez mais: o corpo de Navalny está sendo escondido para omitir as marcas do assassinato. Esta 'análise clínica' de 14 dias é uma mentira grosseira", afirmou a porta-voz, mais tarde, em nota divulgada na rede X.

A mãe de Navalny, Liudmila, viajou no sábado para a colônia penal do Ártico, onde o filho estava preso, mas não a deixaram visitar o necrotério onde, segundo lhe disseram, está o corpo do opositor. Ontem, o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, se limitou a dizer que a investigação "continua em andamento" e não chegou a nenhuma conclusão "até o momento".

Yarmish afirmou que o Comitê de Investigação, responsável pelas investigações penais na Rússia, comunicou que o inquérito sobre a morte de Navalny foi prolongado. "Não se sabe até quando vai



prosseguir. A causa da morte continua sendo 'indeterminada'. Eles mentem, tentam ganhar tempo e nem sequer escondem", assinalou.

Segundo Evgeni Smirnov, advogado da ONG especializada Pervy Otdel, os investigadores podem

reter legalmente o corpo de uma pessoa que morreu na prisão por até 30 dias. Mesmo depois desse período, as autoridades podem decidir abrir uma investigação criminal e manter os restos mortais "pelo tempo que quiserem", de acordo com Smirnov.



Vou continuar o trabalho de Alexei Navalny. Peço a todos que estejam ao meu lado"

Yulia Navalnaya,
viúva de Alexei Navalny

Nas informações iniciais, o Serviço Penitenciário Russo (FSIN) divulgou que o opositor morreu após perder a consciência durante uma caminhada. Ele estava detido desde seu retorno à Rússia no início de 2021, ao fim de um tratamento

a Alemanha, depois de sofrer um grave envenenamento. Desde então, Navalny enfrentava problemas de saúde há vários meses.

Durante sua reclusão, o principal adversário político de Putin passou quase 300 dias em uma cela disciplinar, em condições rigorosas de isolamento. O presidente russo, que nunca mencionou Navalny por seu nome, não fez qualquer comentário sobre a morte do detrator.

Onda de indignação

A morte de Navalny causou uma onda de comoção e indignação na Rússia e no Ocidente, onde muitos líderes acusaram Moscou de ser o culpado. A chancelaria alemã convocou o embaixador russo no país após a morte. "Diante da falta de informação, acreditamos que é absolutamente inaceitável fazer declarações tão odiosas", reagiu o Kremlin.

Na Rússia, as tentativas modestas de prestar homenagem ao opositor foram reprimidas, em plena campanha de intimidação contra qualquer crítica às autoridades desde o início da invasão na Ucrânia, em fevereiro de 2022. No fim de semana, a polícia russa prendeu centenas de pessoas que depositavam flores e acendiam velas em dezenas de cidades para homenagear o dissidente.

Ainda assim, ontem, muitas pessoas desafiaram o governo e continuaram a reverenciar Navalny em Moscou. "Alexei Navalny está vivo em nossa memória, é um raio de luz em nossa vida. continuaremos seu trabalho", declarou Larissa, uma motorista de ambulância de 54 anos, à agência France Presse (AFP).

Alexandra, 21 anos, disse que lhe dava medo visitar o monumento, pelos vídeos que viu das prisões realizadas nos últimos dias. Mas, ainda assim, decidiu ir. "Durante os primeiros dias, chorei sem parar. Estou muito chateada", contou.

Navalny era a figura de maior destaque da oposição na Rússia, onde ganhou popularidade — em particular entre os jovens — graças às investigações sobre a corrupção durante o governo Putin.

Joe Biden estuda novas punições

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, está considerando novas medidas contra a Rússia após a morte do líder da oposição Alexei Navalny. "Já existem sanções, mas estamos considerando sanções adicionais, sim",

disse Biden, que responsabilizou diretamente o presidente russo, Vladimir Putin, e os seus "bandidos" pela morte do opositor.

Por sua vez, Donald Trump, favorito nas primárias republicanas para as presidenciais

de novembro, pôs fim ao seu silêncio sobre a morte de Navalny com uma declaração que evitou criticar o Kremlin. Ao invés disso, descreveu o ocorrido como um sinal do colapso dos Estados Unidos.

Em uma mensagem em sua rede Truth Social, o ex-mandatário disse que "a morte repentina" de Navalny o deixou "cada vez mais consciente sobre o que está acontecendo" nos EUA, que ele classificou de

"nação em decadência".

"É um processo lento e constante, com políticos, promotores e juizes corruptos e de esquerda radical que nos levam ao caminho da destruição", afirmou o antecessor de Biden.

No fim de semana, o silêncio inicial de Trump sobre a morte de Navalny suscitou críticas de sua principal concorrente pela indicação republicana, a ex-embaixadora na ONU Nikki Haley.

ORIENTE MÉDIO

Ramadã não será poupado, diz gabinete de guerra

Em meio a combates violentos na Faixa de Gaza, Israel declarou que os ataques ao Hamas continuarão mesmo no Ramadã, mês sagrado para os islâmicos, que começa a ser celebrado em 10 de março. A condição para o cessar-fogo é a libertação de todos os reféns, advertiu Benny Gantz, um dos três integrantes do gabinete de guerra israelense, em Jerusalém.

"O Hamas tem a escolha. Eles podem render-se, libertar os reféns, e os civis de Gaza poderão celebrar o Ramadã", declarou Gantz, sobre o mês nove do calendário islâmico. Além disso, Israel ameaça entrar em Rafah, no sul do território. Esta é a primeira vez que o governo israelense estabelece um prazo para o ataque contra a cidade,

onde estão refugiados 1,4 milhão dos 1,7 milhão de palestinos deslocados pela guerra.

Governos estrangeiros, que temem um massacre, pediram a Israel para evitar o ataque contra Rafah, a última cidade da Faixa de Gaza que não foi invadida por tropas terrestres na guerra de quatro meses. Apesar da pressão internacional, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, insiste que não entrar na localidade, na fronteira com o Egito, significa "perder a guerra".

Em Jerusalém, Netanyahu reafirmou durante o fim de semana a promessa de "concluir o trabalho até alcançar a vitória total" contra o movimento islamista, com ou sem acordo sobre os reféns. Benny



Familiares e amigos de reféns israelenses marcham por libertação

Gantz destacou que Estados Unidos e Egito ajudarão no cerco a Rafah, para "minimizar as baixas civis dentro do possível", sem especificar para onde serão deslocados.

Balanco

Desde 7 de outubro, quando quase 250 pessoas foram sequestradas pelo Hamas, ao menos 29.092 palestinos foram mortos — a maioria, mulheres, adolescentes e crianças, segundo o Ministério da Saúde de Gaza. Os ataques do movimento islâmico contra israelenses deixaram 1.160 vítimas, segundo um balanço da agência France Presse.

Em Haia, na sede da Corte Internacional de Justiça (CIJ), o ministro

das Relações Exteriores da Autoridade Palestina declarou, ontem, que seu povo sofre com o "colonialismo e apartheid" sob a ocupação israelense. "Alguns ficam furiosos com estas palavras. Deviam ficar furiosos com a realidade que estamos sofrendo", argumentou Riyad al Malki, no Palácio da Paz, sede da CIJ.

A corte iniciou uma série de audiências para analisar as consequências legais da ocupação de Israel dos territórios palestinos desde 1967. Riyad Al-Maliki pediu à CIJ que declare a ilegalidade da presença israelense nesses locais. "A justiça foi negada ao povo palestino por muito tempo. É hora de acabar com os padrões duplos que o povo palestino tem sofrido há muito tempo", acrescentou.